

## O JUÍZO FINAL OU UNIVERSAL

*Fr. Celso Bordignon*

A Iconografia é uma disciplina que estuda o modo como são representadas as imagens dos personagens do qual falam os textos da Bíblia Sagrada. Iconografia: imagem escrita, pintada ou esculpida. A finalidade principal da representação é sempre simbólica e com a finalidade de instruir os fiéis com os conteúdos da fé. Para tanto utiliza as artes da pintura, escultura e desenho. As imagens foram elaboradas para transmitir um conhecimento ou conteúdo que é captado pelos nossos olhos. Devemos aprender a olhar e a contemplar uma imagem ou representação.

Para início de conversa vamos tomar conhecimento da diferença entre Juízo de Deus e Juízo Divino (particular e universal).

**Juízo de Deus:** são rituais e procedimentos humanos pelos quais acredita-se na intervenção e na manifestação da vontade de Deus, por meio de sinais que declaram a inocência ou a culpa de uma pessoa num julgamento religioso. Deus é que vai manifestar a sua vontade e emitir a sentença por meio de sinais (ordália ou sentença).

### **Juízo divino: particular e universal**

**Particular:** logo após a morte somos julgados por Deus de acordo com a vida que tenhamos vivido neste mundo. Individualmente cada um receberá a recompensa ou o castigo por seus atos.

**Universal ou final:** julgamento de toda a humanidade no final dos tempos. Este conceito possui muitas referências bíblicas tanto no Antigo como no Novo Testamento: Is 13, 9. 66,15; Jl 2,1; Dn 7,8; Sb 5, 1-13; Mt 11, 22-23, 12, 41, 16, 27, 26, 64; Lc 10, 12-14, 11, 31-32 (só para citar alguns).....o Juiz será Cristo que aparecerá no alto dos céus (Jo 5, 22; At 10, 42; Rm 14, 10; II Cor 5, 10) precedido da cruz ( Mt 24, 30) circundado por uma multidão de anjos e santos (Mt 24, 31; Mc 8, 38; Lc 9, 26; Ts 3, 13; II Ts 1, 7); num alo luminoso de nuvens e fogo ( Mt. 25, 30; 26, 64); sentado no trono de magestade; assistido no ato de julgar pelos Apóstolos, mártires e aqueles que observaram os conselhos evangélicos (Mt 19, 27-28); serão julgados todos os homens e todos os anjos (Mt 25, 32; Rm 14, 10; II Cor 5, 10; Ap 1, 7) sobre os pensamentos, palavras, ações e omissões.

Quanto à iconografia ou representações do Juízo final, nas catacumbas já no séc. IV encontramos este tema ou cenas de Juízo. Cristo sentado tendo ao seu lado ou próximos à Ele, mártires e/ou Apóstolos que intercedem ou apresentam pessoas falecidas representadas como orantes para serem julgadas; os santos são advogados daquele que comparece diante de Deus e que vai ser julgado, ou então são conduzidos ao paraíso por algum mártir ou santo (Víbia, Veneranda).

Cristo jovem, sem barba, vestido com túnica e pálio, que separa as ovelhas (os justos) dos cabritos (os injustos) esta cena encontramos nos mosaicos de uma Igreja de Ravenna.. Cenas semelhantes encontramos nas Miniaturas dos livros medievais. Cristo juiz no trono, junto à ele os anjos, apóstolos e santos, um pouco mais abaixo dos seus pés dois grupos, os eleitos e os condenados; Satanás acompanhado de um grupo de demônios que acorrentam e arrastam os pecadores para o inferno.

No século XI já aparece Nossa Senhora próxima de Cristo. Estes esquemas iconográficos elaborados até o séc. XII e XIII se difundem e se multiplicam com

acréscimos e simplificações na decoração das catedrais romanas e góticas, principalmente em relevos e esculturas, nos portais, nas fachadas ou nas naves. Também nos batistérios do séc. XII ao séc. XIV na Itália é representado algumas vezes o tema do Juízo Universal. Também nos púlpitos de mármore aparece a separação entre santos, anjos e apóstolos não muito rígida e os Juízos Universais começam a representar o inferno e o paraíso, coisa que no início não tinha importância (por isto não era representado). Provavelmente este procedimento iniciou por influência da cosmografia de Dante na Divina Comédia. Muito significativa também é a representação do Juízo Universal por Lucca Signorelli na catedral de Orvieto na Itália.

Não podemos deixar de mencionar a pintura do Juízo Universal de Michelangelo na Capela Sistina no Vaticano (1533 – 1541) que não deixa de ser uma espécie de Dies Irae. O pintor cria um novo ritmo para antigas concepções; Cristo ao centro representado sem barba com a mão direita erguida num gesto ameaçador e ao mesmo tempo de bênção. Com este gesto separa os eleitos dos condenados. Sua figura domina toda a cena, ele é representado como um Apolo segundo o gosto estético do renascimento. Mais de 400 personagens, uma profusão de corpos quase todos nus, suspensos entre o Paraíso e o Inferno, reina uma espécie de caos e pavor. No dia 21 de janeiro de 1564 toma-se a decisão de cobrir com “braghe” e véus a nudez dos personagens, por motivos óbvios. Estamos na época da Contrarreforma. O pintor Daniele de Volterra vestiu os personagens e os salvou da destruição conforme o desejo do Papa da época. Os restauros dos anos 90 removeram algumas destas repinturas e mostram os personagens como haviam sido pintados por Michelangelo.

Locatelli conhecia todas as grandes pinturas murais que retrataram o tema do Juízo Final. Adaptou este tema para o espaço disponível desta igreja e que não era muito, pois a maior parte do espaço do teto deveria ou já estava destinado ao Dies Irae. Os quadros deste Hino retalharam a cena do Juízo Final obrigando o artista a reduzir o número de personagens envolvidos na composição da cena. Então nosso olhar pode imaginar que a cena continua, com a nossa imaginação, pois não é uma composição fechada, mas que se expande para além do que está representado, ou seja, aquilo que vemos.

Encontramos semelhanças com outras representações do mesmo tema. Podemos citar o Juízo Final de Michelangelo. Mas sem a profusão de corpos nus, que certamente não eram compatíveis com as décadas de 50 e 60 para o interior de uma igreja em Caxias do Sul.

Vamos olhar e ler juntos a iconografia desta composição: na parte mais alta os anjos tocam as trombetas para anunciar o Juízo de Cristo loiro, vestido com uma túnica branca com a mão esquerda erguida em direção aos condenados que são precipitados e arrastados para o abismo de fogo, a direita de Cristo os eleitos que são elevados ao Paraíso tendo como defensor/protetor São Miguel. Logo acima, um pouco abaixo de Cristo os santos (Catarina de Siena (mãe do padre Giordani?), Inácio de Loyola, Domingos, Francisco de Assis e Pio X. Próximos ao Cristo estão São José (Maximiliano Giordani?), Maria e João Batista, Moisés e os profetas; nas nuvens à direita de Jesus estão os santos Pedro (Aldo?) e Paulo.